



# INFORMA

associação  
dos geógrafos  
brasileiros



Informativo da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local São Paulo nº 90 3º trimestre/2006

## BALANÇO DAS ATIVIDADES DA GESTÃO 2004-2006

### Comissão de Publicações

Com um grande esforço, a AGB-São Paulo conseguiu recuperar a periodicidade do Boletim Paulista de Geografia. Lançamos os números 81, 82, 83 e 84, que foi lançado durante o Encontro Nacional de Geógrafos em Rio Branco, no Acre. Visualmente, o BPG retomou o padrão antigo, com o logotipo antigo e as letras estilizadas, conforme as primeiras edições do Boletim, justamente porque o **BPG 81 – Edição Histórica** contava um pouco da história da Geografia em São Paulo e no Brasil. A publicação trouxe entrevistas com Aziz Nacib Ab'Sáber, Ary França e Ely Araújo, além de textos que marcaram época. Houve um coquetel de lançamento desta publicação, com a presença de ilustres professores do passado.

Já o **BPG 82** apresentou textos sobre os movimentos sociais e artigos do II Encontro Latino-Americano de Estudantes de Geografia. São

textos de colombianos e argentinos, o que mostra a importância internacional do periódico. O **BPG 83 – Perspectiva Crítica** mostrou as diferentes visões e os possíveis rumos da Geografia. Traz artigos de Ruy Moreira, William Rosa Alves, Amélia Luisa Damiani, Arlete Moysés Rodrigues, Marcos Bernardino de Carvalho e Paulo Roberto Teixeira de Godoy. Um debate entre os autores marcou o lançamento desta publicação. E por último, com data de julho de 2006, foi lançado o **BPG 84 – Trabalho de Campo**, uma discussão muito importante dentro da Geografia.

Além do Boletim Paulista de Geografia, a AGB-São Paulo também lançou, em parceria com o Laboratório de Geografia Urbana da USP, uma publicação destinada aos movimentos populares: **O Futuro do Trabalho - Elementos para a discussão das taxas de mais-valia e de**

**lucro**, uma releitura dos Grundrisse, de Karl Marx, abordando a crise de emprego por que passa a sociedade atual. A intenção é distribuir essa publicação para os movimentos populares, professores da Rede Pública e outras Seções Locais da AGB, a fim de discutir o tema e colocar as questões em debates. Outros projetos estão sendo tocados, como o **BPG 85** e a retomada do **Seleção de Textos**.

Vale lembrar que o **BPG 80** ficou parado na gráfica, desde 2003 à espera de uma solução por parte da antiga diretoria. Seu lançamento está previsto para outubro deste ano, finalmente. Mesmo assim, pedimos desculpas pelos inconvenientes: aos sócios que até hoje não receberam tal boletim, à gráfica por ter um trabalho parado por mais de dois anos e, principalmente, aos autores que têm artigos publicados neste boletim.

# EDITORIAL

Em agosto de 2006 houve eleições para a renovação da Diretoria da AGB São Paulo. Trata-se de uma renovação parcial, porque, felizmente parte dos membros da Diretoria anterior aceitou permanecer, compondo uma chapa com outros nomes - antigos colaboradores de gestões anteriores. Esta feliz composição permite que possamos dar continuidade ao trabalho já iniciado e implementar novas propostas com o objetivo de fortalecer a entidade, aprofundando o seu relacionamento com os associados. A atual Diretoria conclui que a tarefa de sistematizar o trabalho numa Associação requer muito mais do que ações próprias do fazer a Entidade; impõe também a necessidade do pleno compromisso político em dar prosseguimento a uma proposta que denuncia, na prática, os desmandos da conjuntura a que estamos submetidos.

Dentre os nossos objetivos, o mais imediato e urgente é publicar o Boletim Paulista de Geografia nº 80, que desde a gestão de 2002-2004 ficou na Editora, aguardando seu processo de finalização. Contatos feitos com a Diretora desse período permitiram solucionar o problema. Este boletim será lançado nos próximos dias, finalmente. Essa foi uma das prioridades em relação às pendências herdadas, significando compromisso e respeito aos associados da AGB – São Paulo.

Para a Diretoria que toma posse agora, o fundamental é reativar e aprofundar as relações com os associados – afinal de contas, é com eles que a Entidade conta e é para eles que a Associação pretende atuar. Nesse sentido, o desafio é angariar novos associados e reatar relações com ex-associados, procurando-os e mostrando para esses interessados (professores de Geografia dos diversos graus de ensino e para os demais profissionais da área técnica) que eles têm, efetivamente, na Associação, um canal de defesa de seus interesses profissionais, incluindo a discussão sobre temas relacionados à prática da profissão: à atuação do geógrafo na sociedade, ao conhecimento geográfico, à difusão científica, ao aprimoramento intelectual, além da possibilidade de proposições teórica e prática e de atuação / intervenção na realidade.

Isto se coloca porque entendemos a AGB como uma entidade da sociedade civil que atua nas esferas cultural e científica com o objetivo de contribuir, a partir da atuação do geógrafo, para o fortalecimento da democracia participativa, ajudando a reverter o atual quadro de desigualdade e injustiça social presentes no mundo hoje.

Entendemos que o momento atual pede o fortalecimento de entidades da sociedade civil – como a AGB. É preciso reforçar a atuação da sociedade civil organizada para o aprofundamento da democracia e da ação política. É só dessa forma que poderemos garantir que a atuação política no âmbito dos poderes executivo e legislativo se pautem pelos compromissos traçados pela sociedade civil, na perspectiva de resolução dos graves problemas que afligem o país e de atendimento dos interesses da maioria do povo brasileiro.

associação  
dos geógrafos  
brasileiros



O **AGB Informa** é o veículo oficial de comunicação da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção São Paulo

As matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores

Editores: Carolina Massuia de Paula,  
Paulo Miranda Favero e Regina  
Bega Célia dos Santos

Tiragem: 600 exemplares

**AGB - São Paulo**  
R. Prof. Lineu Prestes, 338  
Cidade Universitária  
CP 64525 - CEP 05402-970  
São Paulo - SP

**Expediente:**  
2ª a 6ª feira, das 14h às 18h  
**Contatos:**  
Tel: (011) 3091-3758  
Fax: (011) 3091-3159

e-mail:  
[agbsaopaulo@yahoo.com.br](mailto:agbsaopaulo@yahoo.com.br)

## *Associe-se à AGB*

A anuidade da AGB-São Paulo para 2006 é de R\$ 35,00 para estudantes de Graduação e de R\$ 70,00 para graduados e demais interessados.

Para se associar, efetue um depósito bancário: Banespa, Agência 0658, Conta corrente: 13.005033-0.

Envie uma cópia do comprovante de pagamento da anuidade junto com sua ficha de associação para a entidade, no endereço acima. Todo sócio tem direito a receber o **AGB Informa** e o **BPG**. Além disso, o associado em dia com a sua anuidade tem desconto na aquisição de livros e publicações, bem como o acesso à maior biblioteca de periódicos da América Latina.

# AGB EM MOVIMENTO - GESTÃO 2006-2008

## Diretora

Regina Célia Bega dos Santos

## Vice-diretor

Leandro Evangelista Martins

## 1º Secretário

Tiago de Castro

## 2º Secretário

Luís Fernando de F. Camargo

## 1º Tesoureiro

Alfredo P. de Queiroz Filho

## 2º Tesoureiro

Vicente Eudes Lemos Alves

## Coord. de Publicações

Sônia Maria Vanzella Castellar

## Coordenadora de Biblioteca

Léa Lameirinhas Malina

## Coord. de Intercâmbio

Maíra Bueno Pinheiro

## Coord. de Divulgação

Eliane de Mello Garcia

## Comissão de Intercâmbio

Após um tempo paralizada, esta comissão foi retomada e as novas publicações foram enviadas para diversos lugares do mundo. O setor de intercâmbio da AGB-São Paulo consiste na troca de publicações de Geografia com outras entidades.

Assim, cada Boletim Paulista de Geografia que for publicado será enviado para uma

lista de parceiros (80 nacionais e quase 200 internacionais), que nos remeterá em contrapartida as suas publicações. É isso que permitiu que a AGB-São Paulo formasse uma rica biblioteca de periódicos.

As atividades da comissão foram retomadas, os BPGs 81, 82 e 83 foram enviados para estes parceiros e depois disso

dezenas de obras foram enviadas para a AGB-São Paulo, comprovando o bom funcionamento desse sistema. Muitas cartas foram recebidas, entre as quais a da biblioteca de uma universidade espanhola, parabenizando a gestão e lembrando que o BPG é muito procurado pelos estudantes e geógrafos de lá.

## Comissão de Divulgação

O setor de comunicação da AGB-São Paulo é responsável pela confecção do **AGB Informa**, o jornal da entidade. Com periodicidade trimestral, cinco **Informa** foram lançados durante a gestão, abordando os mais diferentes assuntos. Trouxeram para os sócios o dia-a-dia da associação, divulgaram o Encontro Nacional de Geógrafos no Acre, trouxeram textos de Aziz Ab'Sáber sobre a Transposição do Rio São Francisco e de Carlos Walter Porto Gonçalves sobre a tragédia em Nova Orleans, nos Estados Unidos, além de artigos sobre o Fórum Social Mundial na Venezuela ou o Fórum de Reforma Urbana. Todos os sócios da AGB-São Paulo recebem em casa o **Informa**, pelo correio.

Outro ponto importante da Divulgação foi conseguir atualizar a lista de associados, bem como

aprimorar o sistema de envio de boleto bancário, com a cobrança da anuidade, para a casa de cada sócio. Atualmente a AGB-São Paulo conta com aproximadamente 300 associados em dia. A entidade também realizou visitas a muitas faculdades para divulgar a AGB e fez ainda um material específico para ser distribuído nas calouradas dos cursos de Geografia. Isso ampliou o contato dos geógrafos com a entidade.

Um projeto mais recente tocado por esta comissão diz respeito à elaboração de uma **série de documentários** sobre a **História do Pensamento Geográfico Brasileiro**. Consideramos importante ter isso no formato audiovisual. O primeiro projeto começou com a produção e realização de um vídeo em homenagem ao professor Orlando Valverde, que foi lançado e exibido no ENG, em

Rio Branco. Mas o projeto continuará com suas entre-vistas, captação de áudio e imagem, edição e produção. A AGB-São Paulo conta com a parceria de um grupo que, coletivamente, está tocando o projeto e tem nosso total apoio. Esperamos em breve disponibilizar o vídeo para todas as seções locais da Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Também fizemos um sítio eletrônico na internet - [www.agbsaopaulo.org.br](http://www.agbsaopaulo.org.br). Uma de suas novidades é a Comunidade Geográfica, uma ferramenta que permite a qualquer um se cadastrar e encontrar outras pessoas interessadas em Geografia por áreas de interesse, cidade ou estado. A intenção é facilitar o contato e a integração dos amantes da Geografia. Qualquer pessoa pode publicar uma notícia no site, que está em permanente construção.

# Comissão de Biblioteca

## ANTES



A nova gestão da **AGB-São Paulo** está fazendo uma grande reforma na biblioteca, considerada a maior da América Latina em periódicos de Geografia. Os milhares de livros e publicações foram retirados das prateleiras e estão, aos poucos, sendo catalogados no formato digital.

As prateleiras foram reformadas e pintadas, com as cores se referindo ao tipo de publicação: livros numa cor, periódicos nacionais em outra, periódicos internacionais em cor diferente e assim por diante. As prateleiras foram dispostas de modo a facilitar a circulação na biblioteca e uma nova iluminação foi instalada, privilegiando os corredores entre as estantes de livros (as duas fotos ao lado mostram exatamente a mudança na iluminação e na organização do espaço da biblioteca da AGB-SP).

## DEPOIS



Também está sendo pensada uma maneira de climatizar a biblioteca, para evitar qualquer problema nos livros e tornar o ambiente mais confortável.

Todo esse processo acabou gerando um artigo, que foi apresentado durante o XIV ENG em Rio Branco, contando um pouco sobre o projeto. Ainda há muito a ser feito, principalmente para catalogar todas as obras e artigos, permitindo o acesso de qualquer pessoa ao acervo, através da internet.

# PIERRE GEORGE, GEÓGRAFO

Yves Lacoste<sup>1</sup>

A obra de Pierre George, falecido aos 96 anos no último 11 de setembro, constituiu uma etapa muito importante no desenvolvimento da escola geográfica francesa. Até a Segunda Guerra Mundial, essa escola interessava-se, principalmente, tanto no plano mundial como regional, pelas formas do relevo e pelos aspectos das realidades rurais, ou ainda pela localização das matérias-primas, quase não se ocupando dos problemas urbanos e das paisagens industriais.

Desde suas primeiras aulas na Sorbonne (Instituto de Geografia) em 1948, Pierre George – nascido em 11 de outubro de 1909, em Paris – deu à Geografia toda uma outra dimensão, atribuindo uma importância fundamental, no plano mundial, ao que se chamava de “sistemas econômicos e sociais”, o sistema capitalista ou o socialista. No ambiente da época, suas aulas suscitavam grande interesse. Podia-se reconhecer nelas, evidentemente, a influência do marxismo, mas Pierre George jamais se referia a isso explicitamente, nada mais que às “lutas de classes”. Essas aulas foram largamente difundidas por uma série de pequenos *Que sais-je?*<sup>1</sup>: *Geografia Social do Mundo*, *Geografia Industrial do Mundo* etc.

Nos anos 1950 e 1960, Pierre George orientou seus melhores alunos – então mais ou menos marxistas – na direção de estudos dos diferentes tipos de fenômenos urbanos ou de diversas grandes indústrias. E no entanto a tese de Geografia Regional que Pierre George havia defendido em 1934 (há 25 anos!) sobre “a região do Baixo Ródano” tinha sido um clássico. Mas é preciso considerar o seu posterior engajamento sindical e político. Membro do Comitê de Vigilância dos Intelectuais Antifascistas, ele adere ao Partido Comunista em 1936. É então que seu interesse pela União Soviética o leva a aprender russo, a fim de introduzir na *Bibliografia Geográfica Internacional* os artigos geográficos publicados nesse país.

Isso lhe permite publicar, em 1947, o primeiro grande livro de Geografia em francês sobre a União Soviética. Em uma outra óptica, Pierre George publica, em 1951, no Instituto Nacional de Estudos Demográficos, uma notável *Introdução ao Estudo Geográfico da População no Mundo*, que inaugura as longas relações de amizade com Alfred Sauvy e um papel ativo entre os demógrafos.

A atividade editorial de Pierre George, na Imprensa Universitária da França, foi

considerável. Além dos *Que sais-je?*, seu amigo Pierre Angoulvent lhe ofereceu meios de lançar várias coleções *La France de demain*, *L'Europe de demain* e a coleção Magellan. Em 1965, publicou *A Geografia Ativa* (sempre pela PUF – Imprensa Universitária da França), na qual mostra em que as leis geográficas, por sua capacidade de análise da “situação”, podem contribuir para um melhor ordenamento dos territórios.

Para Pierre George, que se afastou progressivamente do Partido Comunista, a crise de 1968 teria profundas consequências. Ele não compreendeu a agitação estudantil e se manteve à margem das diferentes correntes que agitavam o meio geográfico, inclusive as que reclamavam sua presença.

Além de um *Dicionário da Geografia* (1970), cuja realização foi dirigida por ele, os livros que Pierre George publicou após 1968 tratavam, não sem nostalgia, principalmente da “perda dos referenciais no mundo atual”. Em 1980, ele foi eleito membro do Instituto, na Academia de Ciências Morais e Políticas. Seu último livro, *Le Temps des Collines* (1995, La Table Ronde), é uma comovente meditação, de recordação de Avignon e das paisagens do Baixo Ródano, após ter realizado uma obra considerável.

<sup>1</sup> Publicada no *Le Monde*, em 18 de setembro de 2006. Tradução de Carolina Massuia de Paula.

<sup>2</sup> Série traduzida em 40 línguas, escrita por especialistas sobre diversos temas e direcionado para o grande público. Guardada as devidas proporções, pode-se compará-la à coleção Primeiros Passos.

# CONTORNOS DE UMA DIMENSÃO NEOLIBERAL NA EDUCAÇÃO E FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA MARCADA PELA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A crise no Curso de Geografia das Faculdades Teresa Martin

**Luis Fernando de Freitas Camargo<sup>1</sup>**

A educação escolar, em todos os níveis, se constitui num bem fundamental à existência humana, visto que possibilita a apropriação do conhecimento universalmente produzido e, ao mesmo tempo, contribui para a redução das discrepâncias sociais, próprias de uma sociedade desigual e injusta. Assim, manter a educação como valor, materializado na garantia de acesso aos níveis formais de escolaridade, é responsabilidade prioritária dos povos.

Contrariando essa perspectiva, as estratégias dos organismos internacionais como a Organização Mundial do Comércio – OMC, em sintonia com as políticas dos países da periferia do capitalismo, têm buscado alterar a dinâmica de setores como a educação superior, tradicionalmente regulamentada e/ou mantida pelo Estado, na direção de seu reordenamento sob a lógica da mercadoria e do lucro.

Essa realidade se movimenta pela implantação de políticas neoliberais que se instalam a partir de um processo dissimulado, que valoriza a discussão e o debate como requisitos para a definição de um grande “acordo social”. Entretanto, o contexto onde se

materializam essas políticas é marcado por uma estrutura autoritária que desconsidera o conjunto dos interessados e suas conquistas históricas, não leva em conta a contribuição das entidades profissionais e privilegia o debate no nível da aplicabilidade, como se os princípios fossem evidentes e o mérito inquestionável.

Considerar esse contexto é importante porque justifica os processos econômicos em vigor na maioria das Instituições de Ensino Superior; ou melhor, a situação concreta de uma parcela significativa das Faculdades Privadas aponta para uma conjuntura que coloca em pleno desenvolvimento aquilo que a sociedade, de um modo geral, imagina ainda estar sendo discutido em nível mundial, através das instâncias da OMC.

No plano profissional, desde a década de 1980 somos docentes do Curso de Geografia das Faculdades Teresa Martin e nosso envolvimento com o trabalho desempenhado está marcado pelo compromisso com a formação de professores, mesmo porque essa convicção e militância se articula com o papel que representamos na escola pública do ensino básico (seja

na esfera do Governo do Estado, seja no âmbito das prefeituras) na formulação e encaminhamento de propostas educacionais comprometidas com a dimensão emancipatória do conhecimento. Nesses 20 anos, entendemos que a tarefa de formar professores ultrapassa os propósitos da mera transmissão do conhecimento e que a responsabilidade com a formação envolve a transformação da escola pública e, por conseqüência, da sociedade. Para tanto, encaminhamos um conjunto significativo de atividades que pudesse dar conta desse propósito, materializado em trabalhos de cunho pedagógico e, sobretudo, social. À medida que construíamos esse projeto, o Curso de Geografia ia adquirindo visibilidade acadêmica e, portanto, sendo reconhecido pelos Institutos de Pesquisa e Entidades / Associações de Classe.

As Faculdades Teresa Martin iniciam suas atividades em nível superior, em 1972, no projeto que expandiu os Cursos de licenciatura para as Faculdades de Filosofia Ciências e Letras organizadas a partir de Instituições que atendiam o ensino secundário e que

<sup>1</sup> Professor e coordenador do Curso de Geografia das Faculdades Teresa Martin desde 1986, demitido em agosto último.

acumulavam instalações e recursos que poderiam ser aplicados no ensino superior, viabilizando a demanda de formação de professores postas pela lei de diretrizes e bases de 1971 (5692/71). O Instituto Educacional Teresa Martin já existia desde 1947 como GITEMA e, portanto, obtinha os requisitos para esse momento da educação no país.

Nesse sentido, o compromisso histórico das Faculdades sempre esteve vinculado com a formação do professor, o que, de certa forma, garantiu a continuidade de funcionamento. (várias foram as tentativas de incorporar outros Cursos com o intuito de encontrar o sucesso necessário para suprimir as licenciaturas, mas até agora, estas - as licenciaturas - é que dão sustentação numérica no volume das matrículas).

Tratar sobre esse contexto histórico é importante para vincular o que aconteceu nos últimos anos com os Cursos de Licenciatura de um modo geral e o de Geografia em particular e a sua inserção numa Instituição com o perfil delineado, perfil esse que facilitou, inclusive, a estabilidade no contrato de trabalho de uma parcela significativa de professores.

Os anos de 1990 marcam um novo cenário para as instituições privadas de Ensino Superior através da definição de Universidades e Centros Universitários (historicamente organizados como as Faculdades Teresa Martin, mas incrementados com recursos financeiros de “origem não definida”) que adquirem auto-

nomia para a criação e gestão de qualquer curso, agora estruturados pela lógica do mercado. Evidentemente, as Instituições que não conseguem captar recursos - independente da procedência - ficam à margem desse processo, lutando contra as lanças do poder econômico. Essa é a situação das Faculdades Teresa Martin que, no final dos anos de 1990 começam a enfrentar uma crise diretamente relacionada às matrículas. Procurando saltar dessa condição e desprovida dos recursos necessários, investe, sem sucesso, na criação do Centro Universitário. A situação se agrava e o projeto dos proprietários se altera para uma fusão, ou melhor, venda da Instituição para quem tenha recursos financeiros para assumir e dar o destino que achar mais rentável. Evidentemente esses novos proprietários não levam em conta a história, desconsideram os princípios consolidados e, principalmente, desprezam as pessoas que participaram do ideário de uma escola comprometida com a difusão da cultura e que, nesse contexto de venda, não têm nenhum poder de negociação.

Concretamente, quem assume as Faculdades se apresenta como responsável por um empreendimento de sucesso que em um pouco mais de 6 anos conseguiu incorporar 10 Instituições, aglutinando um número invejável de matrículas em todo o Estado de São Paulo. Aliás, o discurso de apresentação é emblemático e merece uma análise mais criteriosa porque revela, com

sutileza, o processo de mercantilização presente no ensino superior brasileiro.

A partir da apresentação de um vídeo institucional que demonstra vínculos estreitos com a dimensão política partidária, o presidente da UNIESP – União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo passou a comentar sobre a estrutura do empreendimento que dirige, salientando o aporte financeiro que dispõe, o que permite, neste momento, incorporar novas Instituições de Ensino Superior e até adquirir um prédio de dimensões significativas que pode sediar o ensino de até 30.000 alunos (segundo ele, trabalhadores ligados à Força Sindical). O ponto alto de seu pronunciamento revela o compromisso explícito com um segmento político partidário, convidando os presentes a votarem num determinado candidato à presidência da república, dando a nítida impressão de que seus funcionários deverão estar alinhados com os princípios partidários que a Instituição apóia.

Esse assédio moral de cunho político partidário significou uma afronta explícita e indicou, para a maioria dos professores presentes, um nível de compromisso da nova Instituição que extrapola a mera afinidade com os preceitos do Partido e remete a questão para o plano das conveniências, mesmo porque os nomes de representantes do poder executivo eram frequentemente lembrados para explicitar convênios ou mesmo,

demonstrar vantagens, que já há algum tempo a UNIESP usufrui.

No início deste texto foi lembrada a participação da Organização Mundial do Comércio - OMC como postulante de um contexto de mercantilização do ensino superior e que os acordos que têm sido encaminhados dão conta de consolidar essa pretensão. A UNIESP apresenta-se como representante fiel desse segmento da economia. Trata-se de uma empresa que, segundo seu presidente, se reconhece como uma “holding” e que tem pretensões de se colocar brevemente no mercado de ações. A UNIESP representa os interesses de um conjunto de investidores que aparentemente não têm tradição com a educação e esperam, nesse segmento, encontrar mecanismos de prosperidade a partir da implementação da racionalidade da produção. Entendem que a escola e a formação profissional representam um setor produtivo de controle técnico e, portanto de ações mecanicamente estruturadas. Acreditam que o mercado, ou o “exército de reserva” pode definir salários rebaixados ou mesmo relações terceirizadas, que a economia de recursos depende de uma reengenharia voltada para o plano imediato do trabalho e que o produto da formação profissional se define muito mais pela experiência do que pela discussão teórico-prática presente na formação acadêmica.

Nesse nível é possível identificar um novo segmento no mercado educacional; este, sem tradição na educação, com

forte apelo político partidário que em época de drenagem de capitais públicos faz suspeitar de um empreendimento de realocação de recursos para o setor privado. O atual presidente da UNIESP se reconhece dono do empreendimento; é engenheiro, trabalhou algum tempo na profissão e é fervoroso representante do PSDB com trânsito muito fácil no Governo do Estado, na Secretaria da Educação, nas Prefeituras de várias cidades do Interior Paulista e na Administração Regional da Sé – Cidade de São Paulo.

Relatar esses episódios significa compreender os contornos da realidade posta para o ensino superior na atualidade. Concretamente, explicita um processo indigno que submete Cursos como o de Geografia a uma condição precária de manutenção. As Faculdades Teresa Martin sob a administração da UNIESP, em apenas um mês promoveu:

- \* junção de turmas/ disciplinas comprometendo a qualidade de ensino e a seqüência dos cursos;

- \* redução da carga horária de professores, com o semestre já iniciado, contrariando a convenção coletiva de trabalho;

- \* redução dos salários e supressão de direitos trabalhistas acumulados ao longo de anos de trabalho na Instituição;

- \* demissão de professores—coordenadores dos Cursos de Geografia, História, Pedagogia e Matemática;

- \* não pagamento das verbas rescisórias aos professores e funcionários demitidos,

causando, dessa maneira, o impedimento ao acesso ao fundo de garantia e ao seguro-desemprego;

- \* pressão para que professores e funcionários demitidos aceitem acordos lesivos aos seus direitos trabalhistas;

- \* repressão a alunos e professores que reagiram a essas medidas.

Vale destacar que o Curso de Geografia das Faculdades Teresa Martin – um dos poucos da Cidade de São Paulo que se manteve em funcionamento constante, nos últimos 25 anos - foi um dos primeiros a ser “retalhado” pela nova administração, a partir da demissão do coordenador, da reorganização do Projeto Pedagógico do Curso, da (des)organização de uma nova proposta de trabalhos de campo (desde há algum tempo estávamos ocupados com a realização de 14 trabalhos anuais, integrados nas várias disciplinas) entre outros.

Muitas vezes, as análises sobre a realidade indicam processos cujos protagonistas não são apresentados, não têm materialidade, e isso define um contexto difuso, pueril ou sem contorno definido. Por outro lado, quando nos deparamos com representantes truculentos de uma nova ordem econômica entendemos, mais facilmente, que tais processos estão em pleno vigor. Assim a UNIESP não é apenas uma sigla mas um empreendimento que representa os liames do neoliberalismo nos negócios da educação.

## EVENTOS REALIZADOS PELA AGB-SÃO PAULO

Nos últimos dois anos, a AGB-São Paulo, em parceria com a Aprogeo-SP, realizou duas edições do **Seminário de Formação, Atuação e Representação Profissional em Geografia**. Ambos foram realizados na **Semana do Dia do Geógrafo**, em 2005 e em 2006. A primeira edição teve os seguintes debates: **Formação: Debatendo o Currículo de Geografia** - Aziz Nacib Ab'Sáber, Douglas Santos, Marisa T. M. Frischenbruder e Roberto Braga; **Atuação Profissional do Geógrafo: Desafios e Perspectivas** - Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Cecília Balby, Egon M. Hannes, Leandro Martins; **Instituição e Representação: AGB, APROGEO, Confea/CREA e IBGE** - Celso Mazottini Saes,

Maria Mônica O'Neill, Sônia Maria Vanzella Castellar. A segunda edição foi realizada desta forma: **Geógrafos na Política** - Senador Sibá Machado, Douglas Santos e Gilberto Cunha; **Inserção Profissional do Geógrafo** - Celso Mazottini Saes e Rangel Lima Garcia; **As Instituições de Pesquisa e o Projeto de Inovação Tecnológica** - Percy Vieira, Ros Mari Zenha e Tomás Cortez Wissenbach; **Novas Tendências do Mercado Profissional em Geografia** - Paulo Roberto Teixeira de Godoy, Maurício Fava Rubio e Daniel Waldvogel Thomé da Silva; **As associações frente às novas Atribuições dos Geógrafos** - Sergio da Costa Velho, Leandro Martins e Antônio Marcos dos Santos.

Foi realizada também a Semana do Meio Ambiente da AGB-São Paulo com o tema: A Geografia Diante das Questões Nacionais. A Conferência de Abertura foi ministrada por Arlete Moysés Rodrigues. Nos outros dias, as mesas foram temáticas: **Deserto Verde?** - Manoel Baltasar Baptista da Costa, Marilda Maracci e Walter de Paula Lima; **Transgênicos** - Ruth Helena Bellinghini e Silvio Valle; **Recursos Hídricos e a Transposição do São Francisco** - Ivan Soares Telles de Sousa, Jorge Luís Borges e João Abner. Outro debate sobre a **Transposição do Rio São Francisco** foi realizado, mas em outro momento, que contou com Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Marco Antonio Coelho, João Urbano e Guilherme dos Santos Barbosa.

### CONVOCAÇÃO

#### A AGB - SÃO PAULO CONVOCA TODOS OS SÓCIOS PARA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA GESTÃO 2006/2008

De acordo com o Capítulo II, título II e Artigos 16, 17 e 18 do Regulamento em Vigor da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo, convoca para Assembléia Geral Ordinária da gestão 2006/2008.

Primeira convocação com 50% dos sócios presentes e em dia com as anuidades, às 9 horas, ou, em segunda convocação, com qualquer número de associados presentes, às 9h30, para apreciar a seguinte Ordem do Dia:

1. - Expediente
  - Informes – Reforma Estatutária da AGB, Participação da AGB no Sistema CREA;
2. Escolha de delegado para participação na 90a RGC
3. Discussão do projeto para o Fala Professor
  - a-) Apresentação do projeto
  - b-) Deliberação sobre o projeto
4. Discussão sobre o local que sediará o próximo ENG.

**Período:** Sábado, 28 de outubro de 2006

**Início:** às 9 horas do dia 28 - Primeira Chamada  
9h30 - Segunda Chamada

**Local:** Sede da AGB-SP - Depto. de Geografia/USP

# MATANDO A FOME DA

Paulo Miranda Favero

A prefeitura de Milão, certa vez, cogitou a possibilidade de dar a todos os funcionários duas horas livres semanais para que eles se dedicassem a qualquer atividade cultural. E fez uma enquete para descobrir quais seriam as predileções dos empregados. Ao contrário de cursos profissionalizantes e leituras de manuais técnicos, boa parte deles gostaria de ler *A Divina Comédia*, de Dante. Esta história foi contada pelo professor Antônio Cândido, durante a inauguração da biblioteca da Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST. Ele queria mostrar como a leitura é importante para a formação das pessoas. “O amor ao livro nos refina e nos liberta de muitas solidões”, diz.

Ele rejeitou o convite para dar seu nome à biblioteca, para não personalizar algo que é muito mais grandioso. Mas não abriu mão da possibilidade de participar da inauguração. “Eu manifesto meu grande prazer de estar associado ao lançamento desta biblioteca e reconheço o grande significado histórico do MST. Paulo Emílio Salles Gomes já dizia que o trabalhador rural é a grande voz muda da história da sociedade brasileira. Só que o MST é a grande força popular que, meio século depois, possibilitou a essa gente a posse da capacidade e do direito de se expressar. Graças ao MST, todos os segmentos vivos da sociedade estão representados”, comentou.

A criação da biblioteca é mais uma etapa, talvez a mais importante, do projeto de construir uma universidade popular. A Escola Nacional Florestan Fernandes foi inaugurada em janeiro de 2005, no município de Guararema, a 70 quilômetros da capital paulista. Trouxe para o seio do movimento uma preocupação com a formação de seus militantes e seguidores. “É a única escola em que a coordenação pedagógica lava pratos. Não como sacrifício, mas como gesto de igualdade”, explica João Pedro Stédile, um dos líderes do MST.

O terreno foi comprado com o dinheiro da venda de fotos de Sebastião Salgado retratando os sem-terra. Todo o resto foi construído na forma de mutirão, com mais de duas mil pessoas ajudando. “Muitos deles sabiam colocar tijolo, mas não conheciam o alfabeto”, conta Stédile, lembrando que a escola já teve sua função inicial. Depois, brigadas de estudantes foram ajudar a catalogar e colocar os livros em ordem. Com capacidade para 40 mil exemplares, possui atualmente 17 mil, sendo que 16 mil já foram catalogados. A maioria veio de doações. “Essa escola é fruto e quer ser um símbolo da afetividade socialista”, avisa o dirigente.

Mais do que ninguém, o MST sabe que é pela educação que se pode transformar a realidade. Ainda mais quando ela é injusta com mais de dois terços da população. “Contra a intolerância dos ricos, a

intransigência dos pobres”, já dizia Florestan Fernandes, em frase estampada em camisetas dos presentes na inauguração da biblioteca. E essa rigidez nos princípios está vindo na forma de leitura, de educação, de formação. “O livro serve para instrução e imaginação. Sem o exercício da imaginação, ninguém vive 24 horas de sua vida. Se alguém for resistente a ponto de passar 24 horas sem imaginar, à noite ele sonha. A imaginação é uma necessidade humana”, contou Antônio Cândido, entre muitos aplausos.

Ele até contou a história de quando conversavam sobre literatura e um taxista interveio: “livro é muito bom, porque mata a fome da cabeça”. E o professor aplaudiu o comentário sagaz. E também lembrou de outra passagem em sua vida. “Um fazendeiro da região em que eu morava falou certo dia: Estão querendo fazer uma escola municipal em minhas terras. Vieram me pedir. De jeito nenhum. Aí o pessoal aprende a ler e depois vai querer discutir as contas comigo”.

A imaginação que tanto permeou a vida de Cândido, seja quando se deliciava com as obras de Guimarães Rosa, seja quando passeava com sua esposa, virou o foco principal do lançamento da biblioteca. “A humanização do homem se faz a partir do trabalho, dando importância equivalente para a imaginação. Trabalhar sim, mas não só trabalhar”. Em seus 88 anos, o professor falou com

# CABEÇA

propriedade sobre o não-trabalho, ou, como alguns chamam, do ócio produtivo.

“O capitalismo é o senhor do tempo, e o tempo é uma coisa que precisa ser tratada com muito cuidado. Tempo não é dinheiro, tempo é o tecido de nossa vida, esse tempo tem que pertencer aos nossos afetos. Amar minha mulher, estar com meus amigos, ler Machado de Assis. A luta pela justiça social começa pela reivindicação do tempo”, concluiu. Foi aplaudido de pé. Logo depois, se dirigiu para fora da imensa sala para plantar um pau-brasil, num gesto simbólico que representa o nascimento de algo.

Assim, centenas de fotos de sem-terra depois, milhares de braços se ajudando e ajudando a construir algo pensando no futuro, a biblioteca foi erguida. E já está funcionando. Ela usa um sistema de catalogação chamado Alexandria, numa clara referência à imensa biblioteca da Antigüidade que foi dizimada pelo fogo. Mas o momento histórico é outro e cheira a transformação. Os livros estão lá, para qualquer um que quiser ler. E usar seu tempo cada vez mais escasso imaginando um pouquinho...

\* A AGB-São Paulo doou para a biblioteca da escola Florestan Fernandes dezenas de exemplares do **Boletim Paulista de Geografia**, do **Seleção de Textos** e da publicação **O Futuro do Trabalho - Elementos para a discussão das taxas de mais-valia e de lucro**, uma releitura dos *Grundrisse*, de Karl Marx.



Antonio Cândido (acima, ao centro) e abaixo, à esquerda.



## DOS MUNDOS

Deus criou este mundo.  
O homem, todavia, entrou a desconfiar,  
cogitabundo...  
Decerto não gostou muito do que via...  
E foi logo inventando um outro mundo.

Mario Quintana

## IMPRESSO

Visite nosso site na internet  
AGB-São Paulo: <http://www.agbsaopaulo.org.br>  
AGB-Nacional: <http://www.agb.org.br>  
Envie artigos, notas e outras formas de expressão  
e comunicação para o INFORMA.

Endereço eletrônico:  
[agbsaopaulo@yahoo.com.br](mailto:agbsaopaulo@yahoo.com.br)



# Informa

Informativo da AGB-São Paulo

nº 90

3º trimestre/2006

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS  
SEÇÃO SÃO PAULO

Av. Prof. Lineu Prestes, 338

Departamento de Geografia - Cidade Universitária - USP

CEP: 05508-000 - São Paulo - SP